

# REFLEXÕES PARA UMA POLÍTICA DE CULTURA

Prof. Osvaldo Ferreira de Melo

Se o êxito dos trabalhos eruditos não depende somente do talento — o grau de força espiritual do indivíduo — e da aplicação — certo uso daquele —, deve haver também um terceiro fator do qual dependa em grande medida, isto é, o método, a direção de dita força. (Savigny).

Nesse sentido, dentre os muitos enfoques e barreiras torpedeadas pelo Prof. Osvaldo Ferreira de Melo, em “Reflexões para uma Política de Cultura”, e que vem ultimamente provocando toda uma literatura especializada em torno de suas implicações, destaca-se o do intelectual *como componente* das sociedades modernas e também como precursor de possíveis futuros humanos; como participante de modernos movimentos quer políticos, em particular, quer culturais, ou sociais, em geral: como orientador de reivindicações micro e macrosociais; sua presença é imprescindível, e o suporte oferecido pelo Estado, deve estar acima de questões políticas retratarias e pessoais. Desta forma, as preocupações do Prof. Osvaldo Melo podem ser aproximadas às investigações sociológico-culturais de Gilberto Freyre, por exemplo.

Em sendo assim, convém aludir desde já um dos pontos vertebrais de uma política cultural: o conflito entre poder e cultura. A sociedade é uma rede complexa de agenciamentos que faz funcionar seus conceitos de verdade — no dizer de Foucault onde é inevitável o choque entre o Estado e os diferentes níveis de estratificação social e cultural. A sociedade é, por assim dizer, um complexo contraditório; dela emanam *diferentes* culturas (pluralidade) que nem sempre correspondem aos interesses mais Gerais da População e, conseqüentemente, do Estado. Portanto, uma pergunta cabe fazer aqui: que posição pertence ao intelectual dentro desse contexto? Quais suas relações com o Estado e com o povo? Bem, fórmulas prontas não integram os objetivos do autor ora resenhado. Sua proposta pode ser vista como um constante apelo às próprias e justas dimensões do tema em debate, ou seja, como um libelo em favor do caráter libertário e das mutações camaleônicas da cultura moderna, assim como a necessária proteção à tradição cultural histórica.

Por outro lado, a crescente industrialização e burocratização do mundo moderno, (no qual o que importa é a técnica, a eficácia e

mecanização), não estaria amordaçando a dimensão cultural propriamente dita dos povos e das nações? Pois bem, é de se questionar se a criação literária, musical e artística em geral, tem se dado de forma espontânea e verdadeiramente significativa, ou se, paulatinamente, vem sendo substituída por um imediatismo consumista que, por exemplo, seria capaz de trocar um original de Renan, por uma cópia xerox, devidamente autenticada em cartório. Porém, são muitas as preocupações explícitas e implícitas sugeridas pelo livro do prof. Osvaldo.

Deve-se destacar, entretanto, o linguajar conciso empregado pelo professor, no qual se movimenta com desenvoltura no ‘escorregadio campo da cultura, de que desde muito, é considerado um profundo conhecedor. Saliente-se também, o rigor científico no tratamento do assunto, o que manifesta, por exemplo, quando da oportuna delimitação do que seja “cultura de massa” e “cultura popular”.

Organicamente, Reflexões... inicia passando em revista o conceito de cultura, dimensionando seus espaços em relação à civilização, ao humanismo, etc., aproveitando para inventariar, por outro lado, os bens culturais, “numa visão que privilegia os aspectos intelectuais, abstratos e psicológicos”... A seguir, adentra nas relações entre Estado e Cultura, reconhecendo os avanços tecnológicos e racionais da realidade moderna, bem como o caráter intervencionista do Estado, aceitando como estratégia para alcançar-se a elevação cultural das massas, um “planejamento equilibrado e lubrificado por uma teleologia humanista”. É interessante notar também — segundo o autor — que uma reflexão sobre o tema passa por uma análise da indústria cultural e, fundamentalmente, por uma visão de cultura como fato político e geográfico.

Por fim, o autor considera a importância do intelectual, figura central na “estratégia de democratização para a cultura”, associado é óbvio, aos interesses e fins sociais do Estado. Um Estado competente e humanizado, suporte indesmentível de uma boa política para a cultura, sem o que, a reflexão não passará de vã filosofia. Convém verificar a proposta.

*MESTRANDO — JOSÉ ALCEBIADES DE OLIVEIRA  
JÚNIOR.*